



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI—N.º 405—Preço 1\$00
19 DE SETEMBRO DE 1959

Redacção e Administração: Casa do Gaiato—Paço de Sousa
Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Facetas de uma Vida

Não precisa de apresentação o autor colectivo. Os Encanecidos, ainda não há muito foram falados nas colunas do Famoso.

Chegamos mesmo a denunciar o facto que hoje se começa a cumprir. Ouçamos, pois, ao longo de algumas quinzenas, o desfiar de saudades de um tempo da vida de Pai Américo.



HÁ mais tempo devia já este artigo estar escrito e só não foi porque, pretendendo-se nele evocar cenas dos tempos em que convivemos intimamente com o Américo de Aguiar, quer na vila do Chinde, quer em Lourenço Marques, necessário se tornava reunirem-se os Encanecidos, afim de cada um contar aquilo de que se lembrava, pois alguns, com a memória já enfraquecida, recordavam-se muito vagamente de um ou outro episódio, sério ou pitoresco, ocorrido nestes tempos, de que ele participasse como figura principal ou simples comparsa, podendo ser assim que outros, com melhor memória, se lembrassem de outros deles, senão de todos, e, relatando-nos seus principais e interessantes pormenores, avivassem a memória dos esquecidos... Sim, porque mais de quarenta anos se passaram já desde a época em que vivemos e convivemos com o Américo. Eramos então novitos, e hoje...

Reunimo-nos, pois, os desse tempo que residem em Lourenço Marques. Infelizmente poucos, pois que alguns não pertencem já ao número dos vivos, e outros pairam por outras terras. E da nossa conversa sobre o assunto, assentou-se evocar apenas um ou outro caso dos que ainda se não varreram inteiramente da nossa memória e dos mais pitorescos e interessantes.

Aos que mais intimamente conviviam com ele cabe, naturalmente e em especial, recordar os episódios vividos nessa época longínqua, particularmente na vila do Chinde, onde mais tempo residiu. Em Lourenço Marques teve curta estadia e a sua ocupação, a vida retirada que fazia, não lhe permitiam um contacto mais frequente, mais assíduo, com os velhos companheiros do Chinde, e com os que, de passagem por essa vila, se relacionavam com ele e se fizeram seus amigos.

Dito isto, vamos falar um pouco dele, do saudoso Padre Américo, que a morte arrebatou do convívio da família e dos seus amigos.

x x x

Amigo de cavaquear, de dizer gracejos, um tanto expansivo por vezes, o Américo era, contudo, um tanto metido consigo, como se dizer-se, muito raro se misturando com a rapaziada para uma patuscada. E quando mesmo o fazia, por comprazer, notava-se certo ar de constrangimento, de pouco à vontade, forçando os seus ditos de graça; e não se demorava muito junto dos seus companheiros. Retirava-se, pouco depois, sob qualquer pretexto. Muito raramente, em suma, ele se mostrava expansivo em extremo. Ria-se com gosto das graças que ouvia, dizia também das suas, era bom companheiro de cavaco, sociável, mas em tudo muito comedido.

Eram seus companheiros de casa no Chinde, Gil Medina, Mourão, Sebastião M. Rafael, e da república, que na mesma casa se fundou, era ele o dirigente. Mais tarde juntou-se-lhes o então tenente José de Ascensão Valdez, que já coronel, veio uns anos mais tarde a Lourenço Marques chefiar o gabinete do Governo Geral de Moçambique, sendo Governador o General J. Bettencourt, e, regressado à Metrópole, ali veio a falecer pouco depois.

A república fundada em um mês de Setembro, foi crismada com o nome de setembrista. Tinha regulamento no qual se combinavam penalidades a que ficavam sujeitos os seus membros quando à mesa, ao almoço ou ao jantar, não se comportassem com a devida compostura — quer proferindo palavras obscenas, quer exibindo atitudes que a decência não permite, quer por outros quaisquer actos de censurável incureção. As penalidades consistiam em pagamento de multas, que variavam de montante segundo a gravidade das transgressões. O produto das multas destinava-se à compra de bebidas e petiscos.

Continua na 2.ª página



As «belenitas» aqui estão, sorrindo e mostrando que em Belém se vive em família.

Há tempos, não sei o que a Ermelinda me sugeriu que comprasse e que eu achei absolutamente dispensável. Ora a Ermelinda que veio do Ribatejo, tem onze anos muito bem empregados e é a mais velha do rancho. Por este e outros motivos até tem andado a fazer tirocínio para chefe. Do tirocínio e dos motivos deste lhes falarei para a próxima.

Quanto à tal proposta de compra, feita pela nossa Ermelinda, ela deu-me a oportunidade de fazer algumas considerações sobre economia do-

BELEM

méstica em geral e em particular no que respeita ao género de Casa que é a nossa. Era a hora do recreio e outras se foram aproximando e fazendo roda. Insisti no facto de Belém viver unicamente de esmolos, o que obriga a não gastar mal gasto um centavo sequer e a dispensar tudo o que realmen-

esquecendo por completo o anterior.

Eis senão quando aparece a Ermelinda mais a Alexandrina, alfacinha com dez anos feitos, e metem no meu bolso dois embrulhinhos muito pequenos mas pesados, feitos em papel de jornal. Nada disseram e eu

Continua na 4.ª página

30.000 X 20\$00 = 50 CASAS

NAQUELES dias de Caldelas, há pouco mais de um mês, escolhi para leitura de recreio uma velha obra que muito me interessava: as «Florinhas de S. Francisco».

Pois regalei-me na ingenuidade e poesia das suas legendas tão em contraste com a nossa era — do plástico e do sintético — que de tanta imitação das existências que Deus fez, se ensoberbesse até à ilusão de vir a ser capaz de fabricar a vida.

As «Florinhas» são hálito de vida mas de vida divina, única para quem existir e ser a mesma verdade.

Não sei porque me acudiu este pensamento ao passar os olhos pelos recados dos que acodem a nós com a sua necessidade de dar. Talvez por neles encontrar um testemunho de verdade, na simplicidade, que está

«A quem irei, Senhor, se só Tu tens palavras de vida eterna?»
A alma do homem de hoje anseia por repetir as palavras de Pedro; tem-nas na ponta da língua; mas o turbilhão faz esquecê-las no mesmo momento em que iam ser proferidas.
Eu tenho aqui cartas tão lindas, de uma tal inteligência espiritual, de uma tão invulgar

sinceridade — que compreendo as outras que entoam hinos à leitura que «O Gaiato» oferece, «ecos de vida eterna», tão discordantes da banalidade corrente, que já é vazia (ou apenas aparência) ao correr. Ora vejam:

«Não assino o «Gaiato», mas leio sempre o que minha irmã assina. Estou portanto em dívida porque tenho a bela doutrina do Gaiato... de graça. Por este motivo sou eu que me quero encarregar de satisfazer por minha irmã a sua obrigação na campanha 30.000x20 — logo 20x8=160 que junto. 8=Pai, Mãe, três filhos na terra, 1 filho no Céu, minha Mãe e eu. Mais não somos em casa. E permita-me vossa Reverência, permita-me uma pergunta:

Porque motivo sendo a Obra da Rua fogueira que abraça,
Continua na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO



SETÚBAL

—Em nossa casa, o trabalho tem-se desenvolvido muito. Não só no sentido material, mas também no sentido espiritual. O esforço escolar este ano deu-nos muito rendimento. Já contamos com rapazes, que com um pouco de força de vontade, foram capazes de fazer a terceira e quarta classe no mesmo ano. Agora contentíssimos porque já têm a quarta classe, e já se podem empregar com mais facilidade. Mal deles senão a tivessem, porque quando chegassem a homens, ou mesmo até lá, seriam uns analfabetos. Os nossos miúdos da terceira classe fizeram bom exame. Os da quarta, ainda melhor. Por último chegaram os nove, que fizeram a admissão à Escola Industrial. Boas notas e uma aprovação a cada.

Quem sabe lá, se alguma dos nove chegarão a engenheiros?! Cremos que sim. Muitos destes prepararam-se para a quarta classe e admissão, à custa de muito esforço e sacrifício. Por isso nos alegramos com o fruto dos trabalhos deste ano escolar.

—O Sr. Padre Acílio estava para Coimbra, quando em nossa casa se deu o mais triste acontecimento, até hoje aqui ocorrido. Eu estava ao pé do telefone, quando ouvi o Crisanto a gritar com grande desespero.

—É pá vem acudir. O Mocho caiu dos anteferros do telhado e está quase morto.

Reflecti por momentos sem saber o que havia de fazer. Naquele minuto tive muitas ideias. Segui o Crisanto e ao chegar à escadaria que dá para o corredor, dei com o espectáculo mais desastroso que eu até ali tinha presenciado. Mocho estava caído nas escadas.

Uma das placas de lusálite estava partida. A queda tinha sido enorme. Ele parecia completamente morto. O sangue corria-lhe pela face. A sua figura era medonha. Agarrei-o em braços e segui com ele para a nossa furgoneta. O Zé da Lenha lá se encontrava, entrei e seguimos para o Hospital de Setúbal. Logo que chegamos ele começou a ser tratado. Neste momento já dava alguns indícios de vida. Estávamos ansiosos por saber notícias. Eis que de repente surge o empregado que nos diz:

—O rapaz não pode ir porque as contusões são graves!

Nós viemos e ao chegar a casa não faltaram as perguntas. Todos queriam saber o que ele tinha. Tudo isto se fez por causa dos ninhos.

Ele queria ir aos ninhos, mas a certa altura pôs um pé mal posto e caiu. Quantas e quantas vezes não tinha já dito o Sr. Padre Acílio que não queria que ninguém fosse aos ninhos. O que vale é ele já estar curado e, com a maior das alegrias, se encontra em nossa casa.

Vaquinha

MIRANDA

—Na primeira semana deste mês de Agosto, tivemos o nosso já habitual Retiro Espiritual. Nele tomaram parte todos os nossos rapazes de idade superior a catorze anos, pelo que teve de haver dois turnos.

No primeiro turno, que iniciado no dia 2, domingo, terminou no dia 5, tomaram parte apenas aqueles com mais de dezasseis anos de idade; e no segundo, que durou do dia 5 a 7, os restantes rapazes. Além dos rapazes do Lar de Coimbra e da Casa de Miranda, estiveram também presentes tanto num turno como noutro, rapazes das Casas do Tojal e de Setúbal.

O nosso retiro, que graças a Deus já está, nas nossas casas a tomar foros de hábito, teve, como é também já costume, o cenário do Santuário da Nossa Senhora da Piedade de Miranda do Corvo, local de inigualáveis condições para o efeito. Lá na serra sentimo-nos mais perto do Céu. Tudo o que nos rodeia, o deslumbrante panorama que se avista quando estendemos os nossos olhos ao longo do

vale, as altas montanhas entre as quais nos abrigamos, a água cantando de pedra em pedra, fazendo girar as mós dos moinhos, o chilrear das avezinhas poisadas nas ramarias das árvores, tudo, tudo nos fala do nosso Bom Deus e Lhe canta o Seu Hino de Amor.

Toda a natureza, nos dá destas lições. Todos os seres louvam incessantemente o seu Criador. Só o homem, o rei da criação, despreza o cumprimento do seu dever. Deus dotou-nos de uma inteligência lúcida, mas nós utilizamo-nos dela para o que nos interessa e nos apraz, e não para pensarmos n'Ele ou no seu amor para conosco. Passamos imenso tempo sem sequer d'Ele nos lembrarmos e, todavia, para onde quer que vamos, Ele está com toda a Sua Omnipotência.

É que há homens que se não lembram que têm uma alma a salvar. Nós, porém, por graça do Pai Celeste, sabemos isso perfeitamente; e, por tal motivo, todos os anos, retirando-nos um pouco do mundo e abeirando-nos um pouco mais de Deus, vamos pensar nos problemas que dizem respeito à salvação da nossa alma.

Os dias de retiro, devem ser considerados dos mais importantes da nossa vida. De lá vimos transformados, com novas decisões, novas forças, muitos problemas solucionados e curadas as nossas enfermidades.

Nós somos como um automóvel ou qualquer outra máquina que com o uso, necessita, de quando em quando ir à oficina para ser reparado dos desgastes, folgas, etc. A nossa vida quotidiana, turbulenta e buliçosa, causamos também desgastes que urge reparar; fraquezas que é preciso fortalecer; desânimos com que temos de lutar e vencer. A um retiro, não vamos pois fazer mais que pôr as peças, depois de limpas ou substituídas, no seu devido lugar.

Vamos a um retiro, estudar Jesus Cristo, para depois O podermos imitar pela vida fora. Foi isto o que fomos fazer ao nosso retiro que durou quase uma semana (três dias cada turno), e da maneira como decorreu esperamos que sejam bons os frutos que se hão-de produzir. Foi uma grande graça de Deus. Foi mais uma prova do Seu Amor para conosco. Saibamos nós corresponder-Lhe.

Pedimos, no decorrer do retiro, ao Senhor e à Senhora, Sua Mãe e Mãe Nossa, por todos os que não têm destas graças, nem a de conhecer a Deus e não esquecemos, especialmente, todos os nossos heneiteiros e aquelas pessoas que nos têm pedido orações. Não esquecemos ninguém.

No final, todos saímos contentes e cremos que Deus também ficou satisfeito conosco.

Carlos Manuel Trindade

LAR DE LISBOA

—Amáveis leitores:

—Cinquenta duma e trinta doutra foram as dádivas em dinheiro dos últimos dias para o nosso time de futebol. Tenho pena de não poder agradecer pelos nomes de quem colaborou conosco.

Cá esperamos de quem nos ajuda sempre que lhes seja possível.

Julgo que não tardará o dia do nosso convite convidando-os a vir apreciar o jogo de inauguração da equipa do nosso Lar, mas é preciso que todos nos ajudem aqueles que puderem.

Ainda não temos chuteiras e vamos a ver se nos podem mandar alguma coisa que vos já não tenha préstimo e que paro nós é-nos útil.

Alguns dos nossos rapazes do Lar têm jogado no time das reservas do Tojal e com muita sorte porque ainda não tinham perdido e finalmente num domingo de Junho perderam com o Pinheirense por 3-2 depois de estarem a perder por 3-0.

Os rapazes do Lar que mais têm actuado na equipa do Tojal são: O Benfica, Lampreia, Jorge e Marques, estes quatro elementos são do LAR

DO GAIATO DE LISBOA, RUA DOS NAVEGANTES, 34 R/C LISBOA-2.

Como disse em cima, não sei nome de ninguém. Portanto, agradeço em geral em nome de todos os nossos rapazes do Lar de Lisboa.

Agostinho Coelho (Lampreia)

LAR DO PORTO

—A nossa casa tem duas salas muito amplas e airoosas: Uma tem uma grande mesa de ping-pong, mas por vezes está às moscas, pois a falta de bolas é muita. Ao lado desta temos a dita biblioteca à espera duma estante, mesmo que seja do século 18, afim de podermos guardar uns livros que para cá temos a monte.

—Há tempos para cá o nosso quintal tem-se tornado um verdadeiro campo de volei. A rede foi feita por um dos rapazes e a bola custou-nos 100\$ que o Sr. Padre Carlos nos deu, mas concerteza já não cai na asneira de nos dar outra. Portanto, caros leitores, não se esqueçam pois o esférico já está muito cansado.

—A senhora está farta de me pedir que peça um frigorífico no Famoso. O Sr. Padre Carlos diz que não precisamos, mas neste caso quem vence é a senhora. Pois não é certo o ditado: «Quem não pede não ouve Deus»? Portanto, caros leitores, se por acaso tiverem algum posto de parte não se esqueçam do pedido da senhora.

—Há dias recebemos umas boas caixas de vinho fino duma senhora do Bonfim.

O Sr. Padre Carlos ainda não sabe mas quando souber vai ser bonito. Pois já não é a primeira vez que lhe chupamos algumas para festejarmos os aniversários cá da malta e até mesmo os dele. Desta vez parece que lhe vamos pagar e até com juros.

—Temos também recebido e por várias vezes pão da Padaria Primavera e do café Aviz. As vendeiras do mercado do Bolhão têm-se portado muito bem conosco, pois a nossa conta de hortaliça não tem passado de 100\$00 mensais. Do pomar da Rua D. João IV, tem vindo por várias vezes fruta.

Por todas estas ofertas e por outras que venham, desde já um muito obrigado da rapaziada.

Fernando Dias

Facetas de uma vida

Continuação da primeira página

O Américo, sempre de boa disposição, e como boa D. Maria, já aturando, com uma paciência de santo, os membros exigentes da república, amantes de bons petiscos e boa pinga...

Os componentes da república setembrista foram, com o tempo, batendo as asas, um atrás do outro, para fora da terra. O Mourão para a Beira, (cremos que ainda lá está); e o resto para Lourenço Marques.

Com a saída do Chinde dos componentes da república setembrista esta ficou, naturalmente, permanecendo o Américo, sózinho, no Palácio da República.

Anteriormente à república setembrista houve outra república, organizada em 1.911, e denominada «República do Carapau Frito». Faziam parte dela o Américo e os outros rapazes—ao todo quatro. Ali se reuniam, à noite, vários amigos, para o cavaco, comendo-se e bebendo-se, havendo alegria e... guitarrada.

Por vezes senhoras inglesas, que residiam na Concessão Inglesa e tinham pelo Américo grande simpatia e estima, vieram a esta república tomar chá, convidadas por ele, que fazia as honras da casa, com simplicidade e maneiras cativantes. Uma dessas senhoras perguntou-lhe certa vez: — Aguiar, quando se casa?

Ao que ele respondeu: «Dificilmente me prenderei...»

Férias forçadas

em ORDINS

Deus é a fonte do ser, da verdade e do bem. Tudo nos vem d'Ele, por meio de Cristo Senhor Nosso. Tudo nos mereceu pela Redenção. E todas as graças nos são comunicadas, através das mãos maternais de Maria, que, sendo Mãe do Verbo de Deus Incarnado, constituído cabeça do seu Corpo Místico, igualmente é Mãe de todos nós, chamados a incorporar-nos pelo Baptismo, como membros em Cristo Místico. Os membros sofredores devem ser sempre tratados com todos os carinhos necessários. Vemos nestes o próprio Cristo, continuando a sofrer, através dos tempos e vamos em seu socorro.

De Fátima, no último dia 13, recebi 1.500\$. (Cumprido o que me pedia). Tal lugar, dia e quantia trouxeram-me à mente a Mãe do Céu, que vela pelos seus filhos pequeninos. Embora a Casa de Jesus Misericordioso ainda não esteja terminada, e isso constitua uma fonte de despesas e de dores, não obstante vou começar com reformas nas casas necessidades e urgência. A dos pobres, tantas são as suas Mãe do Céu enviou-me 1.500\$ — todas as graças nos vêm por meio d'Ele! Ao dispor desta quantia para este fim, estou certo de que não deixará a obra em meio.

Carviçais vem, uma vez mais, em socorro das nossas teceadeiras com roupas. Bem haja. Outro tanto para quem dos E. U. A. nos enviou roupas e um cheque de 20 dólares. De Belo Horizonte, no seu devido tempo, 500 cruzeiros e uma caixa com objectos úteis para a Casa de Jesus Misericordioso.

De Alandroal uma ajuda de irmão com 200, de Évora metade. Outro tanto de algures, por intermédio da Casa do Gaiato. Uma vicentina veio aliviar as minhas «dores de cabeça» com 50. Alguém com o dobro, «pedindo a Deus que

continue a abençoar as obras dos homens».

O Porto dá, com ambas as mãos, 40, em atitude de prece. «São para vidros, ou para aquilo que achar melhor. A minha pena é não poder mandar mais e principalmente não acudir a todos. Peça, no entanto, a Deus que me dê sempre vontade de dar aquilo que posso dar». Santa oração. Rezemos todos assim, para que a nossa pena seja verdadeira.

De Moçambique 100\$ e sugestões quanto ao futuro dos nossos chales. Mais sugestões de Lisboa.

A «chuva de romances» não tem sido copiosa. Mas, por ora, a seca não é total. Ora vejamos: Évora acorre, «contente por ver que a minha terra acudia à chamada de um romance de lá para as teceadeiras de Ordins. Apesar de longe não quero deixar de seguir o exemplo tão útil e belo». S. Pedro do Sul traz o «romance de Julho». Viseu o dobro, que pode continuar a mandar, como fez desta vez.

Quem do Porto lançou a ideia da «chuva de romances de lá» volta com 20\$, referentes a Maio e Junho. Sabe Deus quanto isto representa de sacrifício! «Vão atrasados, mas quis Deus que em minha casa também houvesse «férias forçadas... por falta de trabalho, e, não me foi possível mais cedo». Debaixo da lá vão agudos espinhos que torturam! E os maiores é saber que há tantos vivendo à grande sem se lembrarem dos que precisam. Dar é orar. Vejam se não é. No final da carta leio: «rogo ao nosso Bom Jesus que permita que «chuva» volte a cair, e tanta, que v. tenha que dizer basta». Esta coluna de almas que sofrem pelo seus irmãos não podia terminar melhor que por 10 romances entregues por uma numerosa família, «fazendo votos para que uma «chuva» cada vez mais abundante dos mesmos caia sobre Ordins». Assim seja!

Os chales, com este calor, não apeteem a ninguém. Mas o que devia apeteer era prevenir-nos, para, durante o verão, irmos preparando o inverno. Oxalá muitos oiçam este apelo. Lisboa veio com dois e confessa que «estes chales têm para mim e para todos que os adquiriram uma dupla vantagem: aquecem os ombros e aquecem o coração!» Ainda da Capital: a do chale mensal continua perseverante em sua devoção.

A Rua de Moçambique vai a-par-da Rua de Infantaria. Do Bairro do Restelo vieram por um branquinho com neve. Ainda da Capital: «de cada vez que leio os seus apelos fica-me a inquietação de mandar, mas nem sempre é pos-

Continua na 4.ª página



VISTAS DE DENTRO

O Daniel foi ao Gerês como os mais anos. É raro o dia que não vem carta. Verdade seja que de ser ele o homem mais internacional cá da casa, também quase todos os dias lhe mando duas letras com as cartas que remeto. Daí, talvez, a sua assiduidade.

Pois Daniel, é fértil em imaginação. Quem o conhece já sabe! Cada dia trazem as suas cartas uma novidade. Ontem foi um jornal, «O jornal das Águas», semanário. Desde a fotografia do Director, em branco, às Notícias do Estrangeiro e Vida de Sociedade, não faltando as páginas dos anúncios com as suas piadinhas dirigidas — as suas periódicos «como manda a lei».

Hoje a gracinha foi mais longe. Nem sei se todos não acharão falta de respeito..., mas eu atesto aqui em seu abono que não é tal a sua intenção. Ora leiam por favor:

Senhor Padre Carlos:
Que estais no Gaiato.

Santificado seja o vosso trabalho, assim no escritório, como nos campos e oficinas.

Venha a nós a Vossa Fé, assim em Paço de Sousa, como no Gerês.

Do que precisamos nos dai hoje.

Pardoi os nossos deslizes como perdoados os puxões de orelhas.

Não nos deixeis cair no carrão por 50\$ hoje, amanhã e depois.

Amen

Daniel Borges

x x x

NÃO passaram ainda muitas noites sobre aquela em que ele me procurou no escritório de Pai Américo, porque... «precisava de falar consigo».

Ele fez há pouco 18 anos, mas usa responder quando lhe perguntam a idade: «Vou para os 19». Dá mais importância, em seu entender—que, aos 18 anos, há sempre pressa de ter alguns pais. Sobretudo, naquela maré, por mór do assunto que o trazia, convinha carregar um pouco na idade. Ele vinha pedir licença para namorar.

Eu era sabedor da sua simpatia. Aliás ele mesmo é que ma tinha revelado. Então, eu sorri e respondera sumariamente que ainda era cedo.

Ficámos assim e o tempo foi correndo. A sua simpatia tornou-se um pedacito mais pública. Ele achava chegado o momento de oficializar. Era por isso que vinha ter comigo.

Aquela vez falamos longamente. Eu soube mais em pormenor a história da sua afeição. Escutei, feliz. Primeiro porque tudo me parecia certo desde o princípio. Depois, pelo seu cuidado de discreção: «Eu tenho procurado não dar nas vistas». E ainda por estar aqui pedindo-me licença para um passo deveras importante, acerca do qual tantos julgam nem sequer precisar de conselho.

Eu era já sabedor da sua simpatia. Mais: Era sabedor de como ela o ia ajudando no vencer de tantas dificuldades que se apresentam a todo o rapaz da sua idade. Sabia, até, que da parte da moça não há contra-indicação. Porém, parece-me que há toda a vantagem em não começar já. Disse-lhe as razões. Já que

tudo principiara tão certo, porque não havia de continuar o mais certo possível até ao fim?...

Concordamos ambos em que o namoro principiaria ao ir para a tropa. É o momento em que ele sentirá mais a falta de um apoio pleno de afeição. É a saída da família para um ambiente difícil. Então, o namoro, além do apoio, será estímulo. Depois, até aos 24 ou 25 anos há tempo suficiente para se conhecerem sem se arrastar demasiadamente o seu convívio. Ele concordou e combinamos que seria ao ir para a tropa.

Até lá não faltarão oportunidades de ele e ela se manifestarem a permanência da mútua afeição. E a regra continuará como até agora: «Eu tenho procurado não dar nas vistas».

x x x

NEM tudo são rosas. Ou então... é verdade que não há delas sem espinhos. Uns dão alegria, outros dão tristezas. E o mesmo tem marés de dar de uma e de outra.

Este era do Lar. Irmão de um dos nossos a quem mais queremos e de quem mais esperamos, veio pela mão deste cinco anos atrás. Inteligente, muito inteligente mesmo, não trazia exame da 4.ª por via da sua vida por lá, que era andar numa furgoneta distribuindo peixe. Veio. Fez exame com facilidade e brilho e foi para o Porto estudar de noite e aprender de dia numa oficina de serralheiro.

Ele mesmo dizia então ter medo de se perder. Mas nós tínhamos-lhe dado um bocadinho de preparação, e os grandes princípios de defesa, o primeiro e principal dos quais era a lealdade e sinceridade lineares para conosco.

Tudo correu bem durante muito tempo. Há meses, porém, a

sua vida começou a ter mistério. Esperámos uma palavra de aprovação. Tentámos sondar o que havia e lembrámos as grandes linhas daqueles princípios de defesa, e outros.

Nada avançámos, perante uma amabilidade externa mas recusante.

Um dia o seu patrão visitou-nos. Ele é hábil e, pelo que eu julgava, tinha pequeno ordenado. Aproveitei a oportunidade e lembrei um aumento. Parecia-me justo e tinha a certeza de que seria estimulante. Vim a saber então que ele tivera já vários aumentos e estava ganhando mais do que eu pensava.

Chamei-o. Começou por le-

vantar poeira. Tornei a chamá-lo e confessou que realmente ficara com os aumentos para mandar à Mãe e à Irmã Procurei saber destas a verdade: «Que nunca lhes chegara nem tostão». Dou-lhe a resposta. Escolhe, toamente — ele que é esperto! — a pior das atitudes: «Que parecia impossível elas dizerem isso».

Tornei a inquirir delas. A mesma resposta. Apertado, ele confessa que nada lhes mandara.

Continuo sem saber onde gastou tanto dinheiro. O meu coração tem preságios dolorosos, mas nada sei ao certo. Sei que ele faltou justamente ao

primeiro e principal princípio de defesa que eu lhe propusera em resposta aos seus receios de vir a perder-se na idade: a lealdade, a sinceridade para conosco.

A mentira é terreno movediço. Sobre ela ninguém pode construir. Chamei-o uma vez mais. Disse-lhe isto mesmo: —Que garantias posso eu ter agora de que tu me vais falar verdade?!
Por isso não lhe perguntei mais nada senão somente o que havíamos de fazer:

—Para saldar a minha dívida para consigo só há uma solução: sair.

Ele ganha 20\$ e vai ser aumentado para 24\$. Tem 18 anos. É inteligente e julga-se perfeitamente senhor de si. Nisto nem acerta, nem é inteligente. Mas também não aprenderá a verdade senão por si. Aceitei a sua sentença: Deixei-o ir.

Não sei o que é a sua vida. Sinto preságios dolorosos. Mas

Continua na 4.ª página

O desfile começa por Alferrarede com 20\$00 mais a promessa de azeite para a lamparina da Capela.

Bons amigos, se quiserem tomar a sugestão... olhem que além da can-deia do Santíssimo, temos muitas luzes que não podemos deixar apagar. O refeitório é grande. São 170 bocas cheias de apetite. É o tempo das saladas. Mais azeite. E ele não está nada barato!

Segue-se um anónimo com 50\$ pelo aniversário de seu filho. Deus permita que este Pai possa festejar muitos aniversários. Para os Batatinhas 100\$ de Beja. Esta menina acertou, pois a colheita das batatas foi reduzida e os batatinhas não se importam; o que querem é batatas. Segue-se Buarcos com 100\$, de duas irmãs. De um pai pobre pelo aniversário de seu filho 100\$. De Esposende 20\$. Um Zé Manel de Estarreja, mandou-nos com muita alegria alguns pneus.

Do que nós necessitamos

Fátima com 1.500\$, pedindo missa pelo seu marido, cujo último ordenado se converteu neste donativo. Deus lhe dê o eterno descanso. De Felgueiras 100\$, silenciosamente. É do Evangelho: «Quando deres esmola, que a mão esquerda não veja o que faz a direita». Felizes daqueles que crêem na palavra de Deus e a praticam. De Gulpilhares pelo bom resultado nos exames do 2.º ciclo, roupa pra vestir um gaiato. Vestir os nus — que bela e santa missão!

O colégio da N. Sra. da Conceição de Lamego envia 50\$ e como Lisboa também gosta de pôr em prática o grande Mandamento, fez chegar até nós 50 para os pobres do Barredo + 160\$ + 20\$ e mais 200\$. Ainda da Capital um amigo de infância de Pai Américo (e como era seu amigo não pode deixar de ser nosso!) envia 416\$, sendo 150\$ para a ajuda da mobília do Cândido. Em nome deste muito obrigado. De uma anónima que se sente muito grata pelas consolações que tem obtido da leitura do Gaiato 380\$. Esta é uma das muitas testemunhas que vos incita à propagação do Famoso. Agora Lourenço Marques com 100\$. De Felgueiras outrotanto pedindo uma Avé Maria. E outra vez a Capital com 20\$ + 50\$ do assinante 32.141; logo a seguir Luanda com 200\$.

Leiam esta carta e rezem por este operário, que nós também não nos esquecemos, nas nossas orações:

«Quem sou? Não importa!
Um humilde operário, mas um grande pecador, tive esta inspiração de Deus. Aqui vão 20\$ e não se esqueçam nas vossas orações e peço-lhes que aceitem esta migalhinha».

Pois quem não há-de aceitar se é destas que a nossa Obra vive?! Não podia faltar a Cidade Invicta, a qual nunca deixou de marcar a sua presença nestas colunas. Assim de uma Elisa, do seu primeiro ordenado, 100 «ro-

gando a Deus para que a Casa do Gaiato continue a mostrar ao mundo que o Pai do Céu ainda vive no meio dos homens».

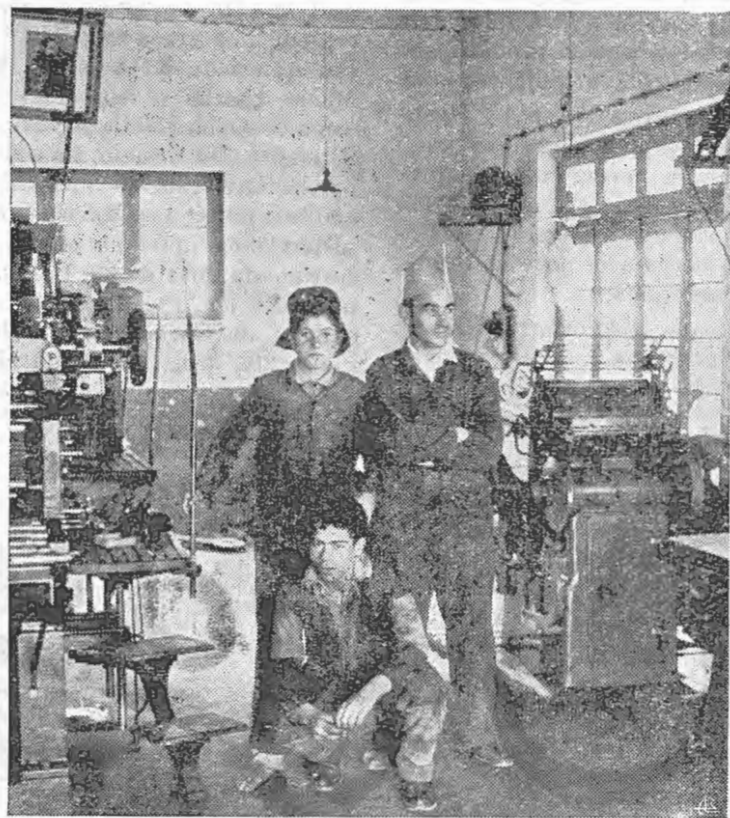
Oiá com 50\$ e novamente a Invicta com o mesmo lembrando a partida de Pai Américo para o Céu. Mais 20\$ dum operário que quer ter sempre trabalho para poder auxiliar os seus irmãos pobres. Mais 50\$ pedindo desculpa do atraso. Outra vez o Porto com 20\$ + 1.000\$ + 200\$ para os necessitados do Barredo e mais 15\$ das migalhas dos colegas de trabalho. Dum estudante de Economia que diz só agora se ter lembrado de nós, a primeira prestação de 50\$; e 100\$ de A. J. F.; a mensalidade habitual para a viúva de 8 filhos; e para os pobres do Barredo: 20\$ + 50\$00 e mais 70\$00.

De Santarém, pela passagem de categoria na sua oficina, 50\$. Tomar, «migalhas tiradas de outras migalhas». Um grupo de 12 Américos com 149\$. De Vale Figueira 70\$; de Viana do Castelo 200\$.

Por intermédio do Comércio do Porto 100\$ + 20\$. O pessoal da Mobil 53\$50 duas vezes. Do Grupo Excursionista «Famílias de S. Brás», por um passeio que vão realizar 50\$. Sobras dum passeio 41\$30. A Avó de Moscovide está presente, com os 20\$ do costume. Mais 50\$00 de uma Alice, pedindo a cura de seu marido. «De dois amargurados» duas vezes 50\$. De um aumento de ordenado não sei quanto. Mais 50\$ de um anónimo + 100\$ e mais 10 dólares de Aveiro. Por uma graça recebida 50\$00.

Para a sopa dos Pobres 10 angolares. Uma anónima pelas suas melhoras 100\$. De um desconhecido de Oiá, que para Deus está bem visível, metade. Para a viúva da Nota da Quinzena e para ajudar a Mãe a sustentar seus filhos 200\$. Peças de roupa «para que os pobres se vistam também no verão». E... seja Louvado Nosso Senhor Jesus Cristo.

Fernando Dias



Bojarda, Mário Tito e Tutoria junto da «Planeta».

30.000 X 20\$00 — 50 CASAS

VISTAS DE DENTRO

cadinho que purifica, porque sendo toda Amor — e sendo a melhor maneira de realizar o sacerdócio a sua identificação com o mesmo Amor—pergunto porque não se consomem, não ardem abrasados os corações dos Sacerdotes todos?

Porquê?
Peço desculpa, mas é um desabafo de uma alma inquieta. ...É tão fácil a vida transformar-se num negócio... E aqui também há barredos, também há horrores...

E que dizer destes gritos de alma repetidos mês a mês por um que às vezes se chama «jovem», outras «egoísta»!

«Em toda a minha vida eu tenho posto os meus interesses acima de tudo aquilo, e de todo o amor que o Chefe nos tem. Tenho sido um egoísta e um hipócrita.

Peço que peça pela juventude desta terra, nas suas orações, para que ela se fortifique cada vez mais em Cristo. Perdoe-me se lhe peço tanto.

Junto envio 50\$, para a campanha dos 30.000x20. Enviar-lhe-ei todos os meses. Prometo.

Um jovem».

«Sr. Padre Carlos:
Aí vão os 50\$ que prometi enviar todos os meses, para os 30.000x20\$.

Não vos esqueçais nas vossas orações da juventude. Eles precisam tanto de Deus.

Um egoísta»

A juventude! Quando vou por essas Igrejas pedir; sobretudo quando vou às Igrejas de muita frequência juvenil, e esta abastada — como me apetecia trazer nos sacos juventude, em vez de dinheiro, corações em vez de moedas — corações a vibrar de amor e de generosidade em grau capaz de todas as audácias! Mas não! Nós somos tão pobres de amor e de generosidade e de audácia! Todas as grandes empresas destas virtudes desfalecem à míngua de quem viva delas e para elas. O prazer, as vaidades, os fogos-fátuos... os Mitos—arrebata mais do que Deus. Eles precisam tanto de Deus!, diz o nosso correspondente. Se quiserem continuar sem Ele, longe d'Ele — acrescentamos nós — pobre da nossa juventude, desiludida, envelhecida!... Pobres de todos nós!

Mas o reportório de legendas que os nossos leitores se proporcionam uns aos outros, não fica por aqui! Olhem a inteligência da **Humildade**—**Maria**

Férias forçadas em Ordins

Continuação da 2.ª página

sível. Hoje calha e aqui vai. E por último Pombeiro da Beira, com um excedente para a Casa das Tecedeiras.

PADRE AIRES

Continuação da 1.ª página

Ninguém ofereceu estes 20\$00 para os pobres, nossos irmãos, por alma de sua Mãe».

E a **Inteligência da Fé e da Piedade**.

«Como no dia 16 não havia Sacerdote disponível só hoje pude mandar celebrar missa pelo aniversário da morte do Sr. Padre Américo.

Como lembrança desse dia de luto e de alegria, e saudade e de esperança, junto envio 100\$, para a campanha de mais uma casa do Património».

E a **inteligência da simplicidade**, que ensina a descobrir no seio da Família a fonte das mais sérias alegrias!

«Pai+Mãe+3 filhos enviam cinco tejos para a campanha 30.000x20\$=50 casas».

É uma pequenina lembrança dum festa de família, ontem realizada: o baptizado do nosso 3.º filho — que é uma menina».

E a **inteligência da Pobreza e do desaparego**.

«Junto envio 20\$00 para a campanha das 50 casas. Esta é a obrigação respeitante ao mês de Junho. Chego um tanto atrasada mas chego. Eu nunca me esqueço. Agora já recebo um ordenado razoável. Daqui para o futuro vou fazer o possível por dar, se não sempre, ao menos de vez em quando, mais alguma coisa do que os vinte escudos.

Talvez esta seja a forma de sem eu dar por isso, conseguir juntar migalhas para fazer uma casa, que desde já fica sob a égide da Sagrada Família.

Os meus sinceros votos de felicidades».

E este **clamor de coerência!**:

«Bom amigo:
Desculpe este incomodo.

Se eu sou cristão e católico tenho a obrigação moral de entrar na lista dos contribuintes para a campan. dos 30.000x20\$, e assim ainda que tarde mando a minha oferta de 20\$. Com esta vai um pedido dum das vossas orações a Deus, pedindo-lhe para santificar a minha alma e modificar este temperamento de soberbo, avarento e egoísta de forma a eu querer dar o que posso dar. Deus ajude a grande e santa obra do santo Padre Américo para esperança de todos os egoístas e alegria dos generosos.

Um admirador e amigo da mais santa das obras de caridade».

E a **inteligência da perseverança**:

«Conforme prometi enquanto lhes puder envio 20\$ todos os meses para a campanha das casas».

E a **inteligência da sinceridade e do amor**:

«Não sou assinante do vosso jornal, mas leitora.

Há treze anos ouvi Pai Américo na Figueira da Foz e fi-

quei a amar a vossa obra. Tenho vergonha de nunca ter contribuído para uma só das vossas campanhas.

É a primeira vez. Mas rezo por vós todos os dias porque vos tenho no meu coração e sempre peço ao Senhor pelos que guardo no coração».

Quantos e quantos que assim nos guardam no coração! E, porque assim nos guardam, rezam por nós! A nossa maior riqueza! Uma riqueza escondida, misteriosa, que move Deus a todas as multiplicações milagrosas que a Sua Providência de Pai sabe necessárias!

x x x

Depois de tão formosas lendas, quem há-de queixar-se pelo fraco rendimento da Campanha: 3.450\$00 este mês, quando a média devia ser cinquenta deles no mesmo tempo?!

Depois de tão formosas lendas há que fazer um acto de fé e afirmar que o desejo da iniciadora deste movimento não há-de ser baldado: As 50 casas serão.

★ ★ ★ ★ ★

BELEM

Continuação da 1.ª página

nada percebi, confesso! Tive que desembulhar e então surgiram uma nota de vinte e várias moedas, ao todo uns 50\$. Era o dinheirinho que haviam trazido com elas, lembranças de vizinhos. Queriam contribuir com ele para as despesas diárias...

Observei que aquilo era gota de água no Oceano e como estava à porta a Feira Franca com o nunca acabar de brinquedos e outras bugigangas, seria melhor guardarem-no para lá adquirirem algumas prendas do seu gosto. Responderam-me que não, que não lhes interessavam prendas, que ficasse com o dinheiro, que bem precisava dele. E insistiram até que sempre se resolveram a conservá-lo comprometendo-me eu a pedir-lho no primeiro dia em que faltasse o necessário para as despesas habituais.

Ficam portanto os leitores sabendo que, quando chegar

Continuação da 3.ª página

também tenho esperança. Creio no poder redentor do sofrimento. E sei que ele há-de sofrer amargamente o travo da mentira com que me enganou e se enganou.

x x x

O caso do rapaz que descarrila sem aceitar um regresso não é singular. Este de que atrás digo é particularmente doloroso pelas esperanças que nele depositáramos. Mais ainda não há muitos meses, outro rapaz, aqui muito falado, o «Pombinha», se obstinou na recusa de toda a mão que se lhe estendeu para o levantar.

Estava empregado em uma das nossas Hidro-Eléctricas.

Fizera várias e sempre fora perdoado. Quando demos pelo «Pombinha» para Paço de Sousa e ele ia daqui para o trabalho com os

esse dia, ainda terei as economias da Ermelinda mais da Alexandrina para comprar o pão.

Mas como pela graça de Deus, até ao presente ainda não chegou um único dia desses... passemos à nota das presenças à Obra.

Da assi. 6.205 uma nota de 50\$ e outra de 20\$ de Maria do Rosário, ambas cheias de pena por não poderem dar mais. 100 dum rua do Porto outro tanto de quem deseja fazer da vida «um sim pleno à vontade de Deus». Ainda 100 de uma Maria de Taveiro. Doutra Maria do Porto 50, «em acção de graças por uma graça recebida de Pai Américo». 50 mais 50 de Maria Cecília e seu Marido, como contribuição de Agosto e Setembro. De Ermelo, tia e sog. brinha enviaram 30 mais 570, pedindo uma Avé-Maria. De Lisboa uma anónima envia a costumada nota de 20. Por intermédio do P.e Aires duas amigas da Obra mandam 40 mais 20. Uma vicentina de

minutos contados e tinha lá bons Amigos que muito queriam ajudá-lo. O rombo continuou apesar-de todas as cautelas. Chamámo-lo à razão. Experimentámos remédios carinhosos e outros ásperos. Um fim de mês recebeu o ordenado e foi-se, de nós mais do emprego. Andou por lá uns tempos. Que ia para Africa e não sei que mais. Afinal a viagem acabou perto: na copa de um café do Porto, lavando copos e chávenas, ele que viera dum Hidro-Eléctrica tão boa no presente e tão cheia de promessas no futuro.

Eu gosto de contar aqui estes reversos de medalha, já que eles são, e logo no jornal seguinte àquele tão cheio das notícias felizes que o casamento do Cândido e sua ida para o Tojal, nos proporcionou.

x x x

No dia 15 de Agosto, foi o casamento do Carlos Alberto Lopes, que durante muitos anos foi o «Chochas» do Tojal.

Com ele o João Manuel e o Cascais, seus companheiros de trabalho, que também foram nossos. Eu queria dar aqui o retrato dele mais da esposa. Pedi-lho. Mas nada até agora. Por isso aqui registo a notícia, a seco, e lhe deixo novo abraço com desejos de muitas felicidades, já que tão rápido foi aquele que lhe dei na ocasião, com a pressa de não perder o combóio.

Propagai «O Gaiato»

Angariando assinantes

Maceira-Liz envia 50 para ajuda da compra da máquina de costura. A máquina de costura foi colocada no Lar do Porto pouco tempo depois de ser pedida e bons serviços nos tem prestado. Mas claro que os 50 escudos não deixaram de ter boa aplicação. De Lisboa, uma nota de mil «para as suas eriancinhas». Da Mãe da Rosarinha, 20. Uma anónima do Congo Belga marca presença com mil francos. Vale de 100, de Leiria, outro tanto de 90 de Gina Maria. Outro de 200 de um casal do Porto.

Louvado seja Deus e a todos um bem haja.

Inês—Belém—Viseu

Visado pela Comissão de Censura



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES